

CINEMA E REPRESENTAÇÃO: MASCULINIDADES SUBALTERNIZADAS DO INTERIOR DO CEARÁ¹

Gabriel Holanda Almeida²

Joanice Santos Conceição³

Resumo

Este trabalho analisa, por meio da produção de um documentário etnográfico, as masculinidades subalternizadas no município de Chorozinho, interior do Ceará, por meio da produção de um documentário etnográfico. A pesquisa articula as áreas de sociologia, antropologia e teoria queer, fundamentando-se em autores como Raewyn Connell (1995), bell hooks (2022; 2023), Gayatri Spivak (2010), Judith Butler (2018), Joanice Conceição (2017), Miguel Vale de Almeida (1996), dentre outros. O intuito é entender como a masculinidade hegemônica marginaliza corpos dissidentes, especialmente negros, LGBTQIA+ e periféricos/interioranos. A partir de entrevistas e performances, evidenciou que a masculinidade é uma construção social atravessada por raça, classe, sexualidade e território. Na investigação o cinema é entendido como campo de disputa simbólica, capaz de romper estereótipos, conforme discutido por hooks (2023). A produção audiovisual surge como instrumento de resistência e visibilidade para sujeitos historicamente invisibilizados.

Palavras-chave: Masculinidades, Subalternidade, Cinema, Nordeste, Representação.

INTRODUÇÃO

As noções de gênero são socialmente construídas ao longo da história, moldadas pelas instituições sociais e culturais como a família, a escola e o cinema. Esta comunicação apresenta uma reflexão sobre o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Masculinidades Subalternizadas em Chorozinho: A Terceira Margem do Rio”, que resultou na produção de um filme documental. A pesquisa parte de uma abordagem interdisciplinar entre sociologia,

¹ Este resumo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades - UNILAB. Defendido no ano de 2023 nas dependências da Unidade Acadêmica Palmares, Acarape, Ceará.

² Graduado em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB). Estudante de Licenciatura em Sociologia (UNILAB) - gabrielholanda19@aluno.unilab.edu.br

³ Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Doutora e Mestre em Ciências Sociais/Antropologia, pela Pontifícia - joanconceicao@unilab.edu.br

antropologia e teoria queer, tendo como foco a construção das masculinidades no município de Chorozinho, região metropolitana de Fortaleza/CE.

Com base em autores e autoras como Raewyn Connell (1995), bell hooks (2022; 2023), Gayatri Spivak (2010) e Miguel Vale de Almeida (1996), o estudo analisa os processos de dominação simbólica e material que, constituem as masculinidades hegemônicas na medida que marginalizam homens negros, homossexuais e transgêneros. A partir de performances e discursos captados por meio de entrevistas, a pesquisa demonstra que a masculinidade não é uma essência ou algo natural, mas uma prática socialmente construída, sujeita a disputas de poder e afetada por marcadores como raça, classe, sexualidade e território. Desta forma, podemos entender o gênero como uma estrutura ampla e complexa que é encruzilhada pela economia, núcleo familiar, cultura, agenciamento do estado, raça, contexto territorial, performances e fortemente atravessado por relações de poder. Em diálogo com Connell (1995) Conceição (2017) conceitua:

O gênero é acima de tudo uma produção social de traços a serem utilizados por homens, mulheres e todos os desdobramentos advindos das experiências ocorridas ao longo da vida; que normatizam as relações existentes entre os sexos. Biológica e naturalmente, o sexo é determinado antes mesmo do nascimento, tornando-se, assim, um produto cultural adquirido e transmitido por meio das estruturas sociais. (CONCEIÇÃO, 2017. p.138)

Com isso, percebemos que antes mesmo de nascer já são construídas em torno das crianças uma expectativa sobre seu gênero, que é flagrantemente determinado pelo genital do bebê, sendo reforçado e construído ao decorrer de sua vida, seja por meio das referências cinematográficas, educação em casa ou na escola, igreja, dentre outras estruturas sociais que vão variar à medida que os contextos sociais, geográficos e históricos são considerados.

Em cada região do Brasil existe uma maneira de estruturar o que é esperado de um homem, as formas como ele deve agir para ser homem de verdade. Isso se dá pelo fator cultural, entendendo que a cultura é essa teia de significados que o próprio ser humano tece e deu sentido, a cultura sendo essencialmente semiótica (GEERTZ, 1989). No Ceará tem a imagem forte do “cabra macho”, do sertanejo com as mãos calejadas do roçado, que é viril, essa é a performance na qual os homens nordestinos são socialmente condicionados a seguir, tal como nos livros: Nordestino: A invenção do falo (2013), que retrata como, no período de 1920 a 1940, a identidade do homem nordestino foi produzida e reproduzida por meio das relações de gênero, poder e classe social; e A Invenção do Nordeste e Outras Artes (2011), que nos

apresenta as mídias que foram construídas sobre o nordeste em todo o Brasil desde os anos 70, atualmente quando se faz o recorte para o interior e para a periferia do Ceará esta imagem ainda é muito presente.

A visibilidade e a dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribuem realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam “raízes”. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquetípicos, mitológicos, que parecem boiar para além ou aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnar em práticas, em instituições, em subjetividades sociais.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 217)

Assim como nossas identidades, nossos territórios também são produzidos por meio da cultura, da sociedade e da história, na mesma medida em que eles nos constituem, nós os construímos. Nessa perspectiva, os imaginários sobre os arquétipos do nordeste minam as existências das masculinidades que ousam fugir do que se espera do nordestino, essas masculinidades resistem ao mesmo tempo que também passam a produzir novos imaginários, seja por sua existência naquele ambiente, seja por suas produções culturais que reproduzem um outro olhar sobre um mesmo sujeito, neste caso o homem nordestino.

Além de examinar os dispositivos de exclusão em espaços como a escola e a família, o trabalho discute como o cinema — tanto hegemônico quanto alternativo — contribui para cristalizar ou romper estereótipos sobre o ser homem no Nordeste. A crítica cultural de hooks (2023) fornece suporte para pensar o cinema como campo de disputa simbólica, capaz de criar novos imaginários para corpos dissidentes. O filme produzido propõe-se como contranarrativa às representações estigmatizadas do “cabra macho”, da figura masculina modelo do nordestino (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; 2013), oferecendo visibilidade a sujeitos historicamente invisibilizados.

METODOLOGIA

O projeto culminou na produção de um documentário com abordagem etnográfica, cuja estrutura narrativa é conduzida por personagens ficcionais que entrevistam moradores e moradoras da cidade. Estes personagens ficcionais são sujeitos subalternizados (SPIVAK, 2010) que vão a campo entrevistar um homem negro, cis-hetero; um homem branco cis-hetero;

um homem branco, cis-gay; e uma mulher negra, cis-hetero.⁴ A intenção destes é gerar uma revolução através do audiovisual ao pesquisarem como pensam os moradores da cidade de Chorozinho, referente às violências sofridas pelas pessoas de masculinidades dissidentes e suas representações.



Personagens da ficção, arquivo pessoal, 2023.

As imagens foram gravadas com uma câmera Canon EOS Rebel SL3 e o áudio captado com um celular Redmi Note 8. A edição foi realizada em um notebook Acer com processador Intel Core i5. Apesar da limitação técnica, a equipe composta por pessoas LGBTQIA+ e negras organizou a produção de forma colaborativa, garantindo um olhar comprometido com a crítica social.



Gravações, arquivo pessoal, 2023.

Nota-se que esta foi uma produção sem qualquer incentivo financeiro, feita na força e na união de pessoas negras, LGBTQIA+ e que moram no interior do Ceará. Esta pesquisa foi importante para estas comunidades pois além de gerarem arcabouço teórico-metodológico de análise sobre/em lugares onde são escassas as pesquisas sobre gênero, representa

⁴ É importante destacar que estava no projeto da pesquisa entrevistar: um homem branco, trans-bi e uma mulher branca, trans-hetero, entretanto por motivos de deslocamento, horários e situação de perda de entes, não conseguimos ajustar nossos calendários, além de que o prazo para concluir o TCC apressou todas as visitas ao campo, por isso não foi possível as entrevistas, mas tivemos todo o apoio deste e desta.

simbolicamente o título de bacharel em humanidades de uma bixa⁵, negra, bissexual, que cresceu no interior, disputando mais uma vez a representação de ser bixa.



Entrevistas, arquivo pessoal, 2023.

A narrativa do filme se estrutura em três eixos teóricos: *Corpos em aliança*, inspirado em Judith Butler (2018), é o momento onde as/os pesquisadores/as reúnem-se para ajudar um amigo e pensam no seu filme; *Confluência dos rios*, baseado em Nego Bispo (SANTOS, 2015), é onde as entrevistas reais se cruzam com os personagens fictícios; e *Preservar o avesso*, em referência ao romance “O Avesso da Pele” (TENÓRIO, 2020), momento em que os personagens fictícios se reúnem em frente a igreja católica para quebrarem um armário⁶. O nome do filme remete ao conto “A terceira margem do rio” de João Guimarães Rosa (2020), simbolizando corpos que habitam entrelugares da norma social.

Esta pesquisa foi cadastrada no repositório da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em formato de relatório, pois o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades permite que o resultado de sua pesquisa seja um audiovisual desde que acompanhe um relatório. Atualmente não existe um modelo padrão deste documento, o que fora enviado contém: Ficha Técnica do filme; Introdução teórica; Metodologias aplicadas, tanto as da pesquisa e discussões quanto a do audiovisual; e considerações parciais.

⁵ Masculinidade subalternizada que categoriza, no interior do Ceará, qualquer homem que foge dos padrões esperados de masculinidade, representada de forma pejorativa, entretanto reapropriada como força e resistência, tal qual o termo *queer* nos Estados Unidos.

⁶ Objeto simbólico que representa esconder a sua sexualidade, significa repreender seus desejos.



Armário, arquivo pessoal, 2023.

Apesar do curso permitir esse formato, o mesmo não dispõe de equipamentos necessários para a execução, deixando com que a responsabilidade disso seja exclusivamente do/da pesquisador/a. Sendo um pesquisador, neste caso, pobre que não teve acesso a uma formação específica em cinema, tampouco detém equipamentos sofisticados, torna-se um desafio maior a ser realizado, que só foi possível devido a união dos/as 4 pessoas entrevistados/as, 5 pessoas que atuaram, 10 pessoas que ajudaram nos bastidores, ao emprestar equipamentos, ajudar no deslocamento, na alimentação, nos objetos etc, contando também com o pesquisador e a orientadora Joanice Santos Conceição. Totalizando 21 pessoas na produção efetiva desta pesquisa, todas elas sem nenhum incentivo remunerado, infelizmente em decorrência dá ausencia de recursos financeiros. Pensando a partir do livro “Pode o Subalterno Falar?” (SPIVAK, 2010), podemos nos questionar: Podem os Subalternos criarem audiovisuais?



Dia da defesa, arquivo pessoal, 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa evidenciou que, em Chorozinho, as masculinidades hegemônicas são reproduzidas sobretudo pela figura do homem cis, heterossexual e trabalhador braçal — o "cabra macho". Essa imagem, profundamente enraizada na cultura visual e literária sobre o Nordeste, reforça um imaginário que marginaliza e subalterniza outros modos de ser homem.

A partir do conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), analisou-se como cidadãos da cidade enxergam a negação de direitos, afetos e legitimidade social das pessoas dissidentes. As entrevistas nos mostram as performances dos homens-cis-heteros entrevistados em contraponto a masculinidade do homem-cis-gay e da mulher-cis-hetero, nos ajudando a entender de que forma agem e pensam estas pessoas no que se diz respeito às questões de gênero e sexualidade abordadas.

O cinema se mostra tanto um reproduutor quanto um potencial transformador desses imaginários. O filme em questão disputa a lógica da representação na tela e de quem produz atrás da câmera, coloca em xeque quem costuma fazer a pesquisa e quem costuma ser “objeto” analisado. Vemos isso na ficção e na realidade da realização desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa “Masculinidades Subalternizadas em Chorozinho” lança luz sobre corpos dissidentes que habitam margens não apenas sociais, mas também simbólicas. O documentário produzido se firma como uma ferramenta potente de resistência, afirmindo a existência de sujeitos que historicamente foram apagados do campo das representações culturais.

Além disso, o trabalho contribui para a visibilidade da população LGBTQIA+ no município, onde ainda há escassez de pesquisas sobre gênero e sexualidade. A experiência coletiva de produção do filme demonstra que é possível ocupar os meios de produção audiovisual e disputar narrativas a partir de uma perspectiva negra, periférica do interior e dissidente.

Dessa forma, reitera-se a necessidade de novas investigações que aprofundem a articulação entre regionalidade, gênero e raça no campo audiovisual, ampliando a diversidade de representações e imaginários possíveis sobre masculinidades no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” – Uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2^a ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, v. 95, p. 161–190, 1996.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. *Educação e realidade*, p. 185–206, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. 2002.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. São Paulo: LTC, 1989

hooks, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell; QUINTILHANO, Letícia. *Cinema vivido: raça, classe e sexo nas telas*. São Paulo: Elefante, 2023.

CONCEIÇÃO, J. S. ; ARAUJO, J. C. . Feminização, Estereótipos e Docência nos Anos Iniciais. In: Alfrancio Ferreira Dias; Elza Ferreira Santos; Maria Helena Santana Cruz. (Org.). Gênero e sexualidades: entre invenções e desarticulações. 1 ed. Aracaju: IFS, 2017, v. 1, p. 137-153.

REYNA, Carlos. Antropologia do cinema: as narrativas cinematográficas na pesquisa antropológica. *Teoria e Cultura*, v. 12, n. 2, 2017.

ROSA, João Guimarães. *Melhores Contos*. Organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Global Editora, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.